

## Texto 1

### Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,  
Que engrossando no Inverno tudo arrasa,  
    Na frente das coortes  
    Cerca, vence, abrasa  
    As Cidades mais fortes.  
Foi na glória das armas o primeiro;  
Morreu na flor dos anos, e já tinha  
    Vencido o mundo inteiro.  
  
Mas este bom soldado, cujo nome  
Não há poder algum, que não abata,  
    Foi, Marília, somente  
    Um ditoso pirata,  
    Um salteador valente.  
Se não tem uma fama baixa, e escura,  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
    A insolente ventura.  
  
O grande César, cujo nome voa,  
À sua mesma Pátria a fé quebranta;  
    Na mão a espada toma,  
    Oprime-lhe a garganta,  
    Dá Senhores a Roma.  
Consegue ser herói por um delito;  
Se acaso não vencesse, então seria  
    Um vil traidor proscrito.  
  
O ser herói, Marília, não consiste  
Em queimar os Impérios: move a guerra,  
    Espalha o sangue humano,  
    E despovoa a terra  
    Também o mau tirano.

Consiste o ser herói em viver justo:  
E tanto pode ser herói pobre,  
    Como o maior Augusto.  
Eu é que sou herói, Marília bela,  
Seguindo da virtude a honrosa estrada:  
    Ganhei, ganhei um trono,  
    Ah! não manchei a espada,  
    Não roubei ao dono.  
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
    Uns tão ditosos laços.  
Aos bárbaros, injustos vencedores  
Atormentam remorsos, e cuidados;  
    Nem descansam seguros  
    Nos Palácios, cercados  
    De tropa, e de altos muros.  
E a quantos nos não mostra a sábia História  
A quem mudou o fado em negro opróbrio  
    A mal ganhada glória!  
  
Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo  
Nos braços do descanso, e mais do gosto:  
    Quando estou acordado,  
    Contemplo no teu rosto,  
    De graças adornado;  
Se durmo, logo sonho, e ali te vejo.  
Ah! nem desperto, nem dormindo sobe  
    A mais o meu desejo!

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: A POESIA dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

## Texto 2

### Olha, Marília, as flautas dos pastores

Olha, Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os Zéfiros brincar por entre flores?  
Vê como ali, beijando-se, os Amores  
Incitam nossos ósculos ardentes!  
Ei-las de planta em planta as inocentes,  
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,  
Ora nas folhas a abelhinha para,  
Ora nos ares, sussurrando, gira:  
  
Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,  
Mais tristeza que a morte me causara.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

Os dois textos têm uma intenção nitidamente didática, entendida no campo da lição sentimental.

**QUESTÃO 1** – Relacione esse didatismo com o período em que os autores viveram.

**Ambos os autores trazem aspectos didáticos em seus poemas, ligados ao estilo de época Árcade ou Neoclássico, assim como ao momento histórico do Iluminismo, Revolução industrial e da Inconfidência Mineira no contexto brasileiro. No primeiro poema, Thomás Antonio Gonzaga manifesta seu didatismo ao ensinar a sua amada Marília a figura do herói clássico que os árcades buscavam reconstruir. Já no poema de Bocage, os ensinamentos enfocam a fuga para o campo e o amor moderado.**

**QUESTÃO 2** – No texto 1, qual o elemento fundamental em que se assenta a proposta didática? Explique.

**O elemento fundamental é a comparação do verdadeiro herói – na concepção do eu lírico – ao conceito de herói guerreiro e vencedor, constituído ao longo da História. No poema, o heroísmo está ligado não necessariamente a figuras destemidas, capazes de conseguir aquilo que desejam por meio da força, mas, sim, ao indivíduo capaz de levar uma vida simples, justa, dedicado a sua amada.**

**QUESTÃO 3** – No texto 2, o modelo da lição é bem diferente do da anterior. Aponte esse modelo e explique.

**No texto 2, o soneto de Bocage, em acordo com o estilo árcade, descreve uma paisagem amena e agradável em suas três primeiras estrofes, nas quais o eu-lírico incentiva Marília a observar a beleza da natureza. Nos últimos versos, contudo, ele afirma que nada daquilo lhe trará felicidade se a amada não estiver presente.**

**QUESTÃO 4** – Em ambos os textos a interlocutora do eu-lírico é chamada de “Marília”. Explique o mesmo nome usado por poetas diferentes, em locais diferentes.

**“Marília” é um codinome/pseudônimo usado por autores árcades para designar a mulher amada, a “musa inspiradora”, nem sempre real. É, portanto, uma convenção árcade, cujos nomes, em sua maioria, eram tomados da poesia pastoril clássica. Embora procedentes de locais distintos, os dois autores pertenciam à mesma escola literária, o Arcadismo.**